



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti - 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016

Outubro

Nº 186

A BATALHA DE CURUPAYTY - O desastre aliado na Guerra da Tríplice Aliança - Parte III (última)

Completando o ciclo de edições referentes à batalha de Curupayty, O Tuiuti traz nesta edição o estudo do maior historiador brasileiro sobre a Guerra da Tríplice Aliança, o General Augusto Tasso Fragoso. Seu livro, em cinco volumes, é o melhor clássico sobre a guerra. A abordagem sobre a derrota está no volume III.

Completando, temos a opinião do historiador Professor Doutor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, inclusive as consequências do insucesso aliado que foi, principalmente, a nomeação de Caxias para Comandante das tropas brasileiras.

Os preparativos para o ataque a Curupaiti

No dia 13 de Setembro, o chefe da comissão de engenharia do 2º corpo, major Rufino Enéas Galvão, fez um reconhecimento da posição inimiga, levando consigo dois de seus oficiais e, como elemento de proteção, o 29º batalhão de voluntários (tenente-coronel Astrogildo Pereira). De regresso, apresentou a Pôrto Alegre¹ um esboço da mesma posição, que lhe aparecia como formada de dois *fortes extremos, ligados por uma cortina, e nos quais flutuava a bandeira paraguaia*.

No dia 15, Mitre e Pôrto Alegre executaram pessoalmente outro reconhecimento, acompanhados do

major Rufino Enéas Galvão e de outros oficiais. No dia seguinte (16), foi o major Galvão, com o comandante do corpo provisório de artilharia a cavalo, escolher uma boa posição para a artilharia, levando outra vez de proteção o batalhão já referido. Nesse mesmo dia começou-se, ao escurecer, a construção de um espaldão para 12 bocas de fogo, no lugar que se reputou mais adequado. Trabalhou-se até o amanhecer de 17. Uma descoberta do inimigo aproximou-se, mas foi repelida pelo batalhão que protegia as obras naquele momento (o 36º de voluntários).

Segundo Tamandaré, só no dia 17 estavam as forças prontas para o ataque, "em consequência - diz ele - das

¹ Tenente-General Manoel Marques de Souza - Conde de Porto Alegre.

delongas que "resultaram de um movimento tão considerável de tropas". Mas, na madrugada de 17 sobreveio forte temporal e desde às 9 da manhã deste dia começou a chover copiosamente; o aguaceiro continuou nos dias 18 e 19 até a manhã de 20. A 20 e 21 restabeleceu-se o bom tempo. Os trabalhos do espaldão continuaram na noite de 18 e nessa mesma noite ficaram prontos.

Mitre, Flores e Tamandaré reuniram-se em junta de guerra e decidiram que o ataque se fizesse no dia 22. O generalíssimo faz alusão a este contratempo em sua carta a Marcos Paz (Vice-Presidente) de 20 de Setembro:

"Tudo estava pronto no dia 16 - escreve ele - combinou-se o ataque para 17, conforme o plano de que lhe remeto cópia. A 17 choveu e o almirante achou que isso era um inconveniente para o bombardeio, o qual, segundo o convencionado, devia preceder o ataque, como era natural. Desde então até esta noite (de 19 para 20) tem chovido quase sem interrupção; achamo-nos sobre um lodaçal e com os caminhos *perdidos*. Isto interrompeu a nossa operação. Espero, todavia, que os caminhos melhorem rapidamente para prosseguir-la segundo o que se combinou ou para modificá-la se sobrevierem circunstâncias e for conveniente"².

² Na mesma carta alude Mitre a vacilações de Pôrto-Alegre, em vista dos informes dados por um trãnsfuga paraguaio, que dizia haver em Curupaiti nove batalhões, cinco regimentos e de 40 a 50 peças de artilharia. Parecia ao comandante do 2º corpo do exército brasileiro que o ataque deveria ser iniciado por Polidoro nas linhas de Tuiuti. Mitre dissentia. Achava que López reforçara, sem dúvida, Tuiuti, mas deixara suas reservas em uma posição equidistante de Curupaiti e de Tuiuti, de modo que pudesse acudir a qualquer destes pontos. Dominado por essa ideia, manteve-se firme na decisão

A esquadra lançou alguns projéteis contra Curupaiti nos dias 16, 17, 19 e 21.

"Apesar de não terem sido ineficazes os bombardeamentos "que fiz com a esquadra, por diversas vezes, até mesmo de noite, "os paraguaios aumentaram consideravelmente as fortificações "de Curupaiti durante os 19 dias decorridos depois da tomada de "Curuzu..." (*Parte de Tamandaré*).

No dia 22 de Setembro - dia do ataque - a colaboração da esquadra tinha de assumir extraordinária importância. Cabia-lhe a missão de

primitiva. Pôrto Alegre e Tamandaré afinal concordaram "embora não se manifestando animados da mesma fé e brios 'anteriores', o que Mitre atribuía, não só à sua natural indecisão, 'senão também aos zelos que lhes causava a sua presença e a das tropas argentinas em Curuzu, pois ambos são *muy pequenos* e nisso não se parecem "nem com Osorio, nem com Polidoro".

E refletia:

"Este officio de general em chefe dos exércitos aliados, em que é necessário ter energia e inteligência por todos, e em que nenhum general 'colabora nem com iniciativa, nem com resoluções, é um verdadeiro officio 'de condenado, no qual se esterilizam os esforços mais vigorosos, ficando 'para mim a responsabilidade do que não se fez, além dos desgostos que 'daí promanam".

E mais adiante:

"A posição inimiga é forte, porém, com os bombardeios da esquadra temos meios suficientes de conquistá-la, embora perdendo, como é natural, alguma gente. É pena que não houvéssemos feito o ataque a 17 porque tudo estava perfeitamente disposto e teríamos colhido um dia glória se o almirante Tamandaré cumprisse o que ofereceu; Eu tinha dúvidas quanto a esta parte, embora ele se mostrasse então muito decidido. De qualquer modo, porém, teríamos ido para a frente. O tempo perdido fez-nos muito mal, mas trataremos de recuperá-lo".

bombardear previamente a posição inimiga, acometendo-a sobretudo pela frente fluvial, de modo que os seus tiros enfiassem a trincheira terrestre. À esta ação naval devia correr paralelamente uma outra da artilharia de terra. Só depois dessa preparação preliminar, as

tropas aliadas partiriam ao ataque. A operação desenrolar-se-ia, de modo geral, mais ou menos como em Curuzu. Também aqui parece não ter havido nenhuma ordem escrita; tudo se limitou com certeza a meras combinações verbais.

- O ataque a Curupaiti -

Na manhã de 22, o almirante iniciou a ação naval. Foram estes os navios que nela tomaram parte: Encouraçados: *Brasil, Barroso, Lima Sarros, Baía* e *Tamandaré*; Bombardeiras: *Pedro Afonso* e *Forte de Coimbra*; Chatas bombardeiras: *N. 1, N. 2* e *N. 3*; Canhoneiras: *Beberibe, Magé, Parnaíba, Belmonte, Ivaí, Mearim, Iguatemi, Araguari, Araguaia, Ipiranga, Henrique Martins* e *Chuí*.

Às 7 e meia estavam fundeados em determinadas posições.

O almirante mandou que os encouraçados *Baía* e *Lima Barros* avançassem "até descobrir o forte de Curupaití e rompessem 'fogo contra ele'". Ao mesmo tempo "a linha de trincheiras do inimigo" era bombardeada pelo *Brasil, Barroso, Tamandaré, Ipiranga, Belmonte* e *Parnaíba*, bombardeiras *Pedro Afonso* e *Forte de Coimbra* e chatas ns. *1, 2* e *3*.

Os demais navios da esquadra foram tomando sucessivamente posições convenientes abaixo de Curupaiti, "das quais 'bombardeavam o campo adverso sem estarem expostas aos 'fogos do forte'".

O laconismo da parte de Tamandaré e dos seus subordinados não faculta uma reconstituição precisa dessa fase importante do bombardeio. Colhe-se, todavia, a impressão de que os navios tomaram posição à jusante de Curupaiti e daí dispararam as suas peças. Só os dois encouraçados *Baía* e *Lima Barros* acercaram-se mais do inimigo.

Ao meio dia, porém, os encouraçados *Brasil, Barroso* e *Tamandaré* subiram, por ordem do almirante, romperam uma estacada posta no rio e foram colocar-se em frente à trincheira fluvial. Daí atacaram-na a curta distância (cerca de uma amarra). Ao mesmo tempo o *Lima Barros*, o *Baía*, a *Parnaíba*, a *Beberibe* (com a insígnia do Barão de Amazonas, chefe de estado-maior de Tamandaré) e a *Magé*, todos "colocados do lado do Chaco obliquamente à bateria inimiga" descarregavam sobre ela a sua artilharia.

Nessa ocasião - diz Tamandaré - mandei convergir

"todos os fogos para o forte, porque já avançavam os assaltantes, e o fogo de artilharia e fuzilaria era geral em toda a extensão das trincheiras. As canhoneiras fundeadas à margem esquerda começaram "a trabalhar somente com o rodízio de proa. Em dado momento (ao que parece, cerca do meio dia), a *Beberibe* içou o sinal convencionado com o exército para o ataque. Consistia na bandeira brasileira desfraldada no tope grande. Içado o sinal, cessaram os navios de atirar para os entrincheiramentos e convergiram os seus fogos para a frente".

A preparação feita pela artilharia da esquadra durara cerca de quatro horas e meia. Vejamos agora como Mitre se lançou contra a posição inimiga.

Segundo Rio Branco, Pôrto Alegre dispunha de 10.580 homens, inclusive

uns 200 enfermos. Seu efetivo depois do ataque a Curuzu era de 3.500 infantes, 3.400 cavaleiros e 680 artilheiros. Total, 7.500. Recebeu ainda 500 homens de sua cavalaria que haviam ficado em Tuiuti e Polidoro mandou-lhe do 1º corpo, no dia 4 de Setembro, o 12º batalhão de voluntários (500 homens), e, no dia 12, a brigada Paranhos (cinco batalhões, com 2.000 homens). O efetivo do 2º corpo passou assim a cerca de 6.000 infantes, 3.900 cavaleiros e 680 artilheiros.

Quanto ao exército argentino, já vimos que Mitre declarou a Pôrto Alegre levar consigo para Curuzu 9.500 a 10.000 homens (32 batalhões) e duas baterias de artilharia raiada. O efetivo brasileiro era, pois, aproximadamente igual ao dos argentinos. A força disponível para o ataque devia orçar em 20.000 homens. Mitre avaliou-a na sua parte em mais de 18.000 conforme já referi.

Às 8 horas da manhã a artilharia brasileira foi ocupar o espaldão que lhe havia sido preparado "a conveniente distância do entrincheiramento inimigo". Seguiram oito peças raiadas de quatro e quatro estativas de foguetes do corpo provisório de artilharia a cavalo (major Lobo d'Eça) e dois canhões obuses (um e 12 e outro de 14, dos tomados em Curuzu) e dois obuzes de montanha do 4º batalhão de artilharia a pé (major Rego Monteiro).

Abriu-se o fogo logo que a cerração se dissipou (cerca das 0830), afim de contrabater a artilharia das trincheiras inimigas e preparar o ataque.³

³ Lobo d'Eça conta que *apontou para as peças do inimigo*. Sinto não poder explicar claramente o modo por que atuou a artilharia argentina. Mitre escreve em sua parte que o ataque foi *apoiado* por duas baterias, uma brasileira e outra argentina "que obraram cruzando seus fogos a partir dos flancos da frente do ataque".

Para se apossar do objetivo que tinha em mira, o generalíssimo organizou um dispositivo de ataque em quatro colunas, duas brasileiras à esquerda, e duas argentinas à direita. Passemo-las rapidamente em revista:

A primeira coluna da esquerda (divisão brasileira da esquerda) era comandada pelo coronel Augusto Caldas e compunha-se destas unidades:

2ª Brigada (tenente-coronel Barros Vasconcellos):

- 5º batalhão de voluntários (major Raimundo de Souza);
- 8º batalhão de voluntários (major Rufino Campelo);
- 12º batalhão de voluntários (tenente-coronel João José de Brito); e
- 11º batalhão de linha (major Carlos de Macedo).

3ª Brigada (tenente-coronel Landulfo Machado):

- 18º batalhão de voluntários (tenente-coronel Antônio Amorim Rangel);
- 32º Batalhão de Voluntários (Capitão Fabricio de Matos); e
- 36º batalhão de voluntários (capitão Hipolito Mendes da Fonseca).

7ª brigada (cavalaria) (tenente-coronel Albino Pereira):

- 7º corpo provisório da Guarda Nacional (capitão Manuel Rodrigues Lima);
- 8º corpo provisório da Guarda Nacional (tenente-coronel Nunes de Sousa); e
- 9º corpo provisório da Guarda Nacional (major Aureliano de Andrade).

Por outro lado, lê-se em Garmendia:

"Em frente à esquerda do adversário estabeleceu-se uma bateria "de campanha às ordens do general Védia, comandada pelo 1º tenente Domingos Viejobueno". Infere-se daí que a bateria argentina postou-se à direita das tropas atacantes e em frente à esquerda da posição inimiga. Naturalmente ela procedeu de modo análogo à bateria brasileira.

Total: 6 batalhões e 3 corpos de cavalaria a pé.

A coluna brasileira da direita (divisão da direita) era comandada pelo general Albino de Carvalho e contava com estas unidades:

Brigada Auxiliar (Tenente-Coronel Paranhos):

- 6º batalhão de infantaria de linha (major Genuíno Sampaio);
- 10º batalhão de voluntários (major João Barreto);
- 11º batalhão de voluntários (major Ignacio Ribeiro de Lima);
- 20º batalhão de voluntários (tenente-coronel Carlos de Castro); e
- 46º batalhão de voluntários (major Aniceto Vaz).

1ª brigada (tenente-coronel Maia Bittencourt):

- 29º batalhão de voluntários (capitão Sousa e Melo);
- 34º batalhão de voluntários (major Francisco de Lima e Silva); e
- 47º batalhão de voluntários (tenente-coronel Luís Albuquerque Maranhão).

4ª brigada (tenente-coronel Piquet):

- 1º corpo de caçadores a cavalo (major Teixeira Lopes);
- 2º corpo de caçadores a cavalo (major Tranquilino Veloso); e
- 5º corpo de caçadores a cavalo (major Manuel Rodrigues Júnior).

Total: seis batalhões de infantaria e três corpos de cavalaria a pé.

Além destas duas divisões, Pôrto Alegre dispunha mais de uma terceira (coronel Lucas de Lima), formada de corpos de cavalaria a pé e assim constituída:

6ª brigada (tenente-coronel Vasco Alves):

- 4º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (major Manuel de Oliveira Alvares);
- 5º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (major Gomes de Carvalho); e

- 10º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (major Joaquim Rodrigues Can-dié).

Brigada ligeira (tenente-coronel Astrogildo Costa):

- 13º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (major Nuno Pereira da Costa); - 14º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (major Bento Gonçalves da Silva⁴); e
- 15º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (major Antônio Alves Pereira).

8ª brigada (tenente-coronel Balbino de Sousa)

- 11º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (tenente-coronel Teófilo de Sousa Matos); e
- 12º corpo provisório de cavalaria da Guarda Nacional (major Antônio Rodrigues da Fonseca).

O comandante do 2º corpo brasileiro guardou as unidades acima como reserva.

A coluna argentina da esquerda era formada pelo 1º corpo (Paunero) e a da direita pelo 2º corpo (Emílio Mitre). E de mais três divisões cuja composição exata não me foi possível saber.

Logo que se deu a ordem de avançar (ao meio-dia, segundo Mitre), as colunas de ataque lançaram-se contra a posição inimiga. O primeiro obstáculo que se lhes deparou foi a primeira trincheira. O inimigo a tinha guarnecido a princípio com artilharia, mas depois retirou-a quase toda para a trincheira principal. Os aliados abordaram e transpuseram esse primeiro objetivo. A artilharia brasileira, que havia suspenso o fogo durante o assalto, mudou de posição e aproximou-se da referida primeira trincheira.

"A pequena trincheira - diz Centurión - que servia de avançada para defender os trabalhos da linha

⁴ Filho do Bento Gonçalves da Silva da Revolução Farroupilha.

principal, foi abandonada, às 1030 horas, sob o fogo das baterias inimigas. Algumas peças que aí se encontravam foram levadas para dentro daquela linha. No momento em que as tropas se recolhiam, uma bomba de morteiro de 150 derrubou uma parte do parapeito; as terras desprendidas lançaram ao solo e soterraram um oficial".

Restava a trincheira principal. Os aliados arremetem contra ela cheios de entusiasmo e decisão, mas o terreno está semeado de obstáculos e é varrido pelo fogo dos defensores. As unidades desviam-se, buscam caminhos mais favoráveis e se acercam da linha de abatizes. As dificuldades que esta linha apresenta são consideráveis, pois ela cobre uma faixa de mais de 30 varas, escreveu Mitre. Os abatizes, conta ainda o generalíssimo, são formados de *árvores espinhosas* enterradas pelos troncos. Busca-se rapidamente abrir brecha nesse emaranhado, para alcançar o fosso, enchê-lo com faxinas e montar as escadas que tinham sido levadas de prevenção. O fogo, porém, é terrível; o defensor permanece sereno e abrigado no seu posto, e fuzila impiedosamente quantos se lhe apresentam à vista.

O malogro é completo.

Ninguém logra penetrar na posição inimiga. O ataque é puramente frontal. Desta vez López tomou todas as precauções para não ser torneado pela esquerda, como em Curuzu.

O plano de Mitre era atacar pelo centro com as duas colunas interiores e submergir os flancos ou, melhor, as alas com as duas outras extremas.

"Estas marchariam para forçar os flancos da linha inimiga que se apoiava à direita no rio Paraguai, coberta por um tríplice recinto e um bosque; e à esquerda em dois lagos, com uma dupla linha coberta por um bosque e dois esteiros impenetráveis, que se prolongavam para a retaguarda

de nossa direita, e onde se haviam estabelecido algumas baterias de flanco e de revés".

"Salvados por la columna argentina - continua Mitre textualmente - las expresadas baterias de flanco y de revés, á cuyo frente si dejó una quarta linea de observación, que á la vez de cubrir nuestro flanco, apoiaba la tercera linea de reservas generales, se establecio alli una bateria argentina para contrabatirlas, no siendo posible flanquear por alli la posición enemiga por ser los esteros y el bosque de todo punto impenetrables."

"Nestas condições - pondera ainda Mitre - tendo-me posto de acordo com o Barão de Pôrto Alegre, e vendo que não era possível forçar com vantagem a linha de abatizes para executar o assalto geral, salvo se compromettessemos as nossas últimas reservas, e também que, uma vez dominada a trincheira, não se obteriam os frutos dessa vitória parcial desde que se não conservassem tropas suficientes para penetrar com ordem no interior das linhas e ali fazer frente às reservas do inimigo, combinamos mandar retrair simultaneamente e em ordem as colunas comprometidas no ataque, reunindo previamente todos os nossos feridos e trazendo-os para as nossas reservas. E assim se fez depois das 2 horas da tarde, recolhendo-se os batalhões com as suas bandeiras desfraldadas para a retaguarda de nossa linha de reservas, a qual formou a 400 varas da linha inimiga, dentro do seu tiro de metralha, para proteger esse movimento".

Lancemos agora rápida mirada a cada uma das colunas de ataque, começando pelo flanco esquerdo.

A divisão brasileira que atacou pela beira do rio parece ter sido a única que encontrou caminho relativamente favorável, graças à vegetação da margem. Ocupou a base de partida que lhe havia sido prescrita, a saber a boca de uma picada. Daí partiu ao ataque contra a direita inimiga levando estendidos em linha os batalhões da 2ª brigada e da 3ª. A sua outra brigada (a 7ª) ia a principio em segundo escalão, como apoio; mas logo depois entrou em acção com as duas primeiras.

A divisão transpôs facilmente a primeira trincheira e dirigiu-se célere à segunda. Empregou toda a sorte de esforços para transpô-la, sem o conseguir; o tiro de metralha e a fuzilaria inimiga eram terríveis e dizimavam-na. Elementos do 12º batalhão de voluntários pretendem ter transposto o fosso da trincheira principal, embora houvessem sido depois repelidos. Todos os nove corpos da divisão empenharam-se no assalto.

A divisão brasileira da direita ocupou uma base de partida junto a um capão que ficava ao nordeste do acampamento. Foi daí que ela destacou o 20º e o 46º de voluntários para proteger a artilharia.

Ao sinal do ataque, a divisão avançou cerca de 300 braças até chegar à primeira trincheira, que transpôs. O inimigo dominava-a da trincheira principal e cobria-a com intenso fogo.

Vencido esse primeiro obstáculo, a divisão teve de pender para a extrema esquerda do inimigo, sem dúvida por causa das dificuldades que o terreno lhe oferecia⁵. Aproximou-se assim da trincheira principal; fez esforços sobre-

humanos para a conquistar, sendo sempre repelida. Alguns elementos do 29º de voluntários e do 11º pretendem tê-la galgado.

Durante o assalto, Pôrto Alegre lançou mão da sua reserva geral (3ª divisão - Coronel Lucas de Lima), para reforçar a coluna da direita. Das suas três brigadas, empenharam-se a 6ª (tenente-coronel Vasco Alves) e a brigada ligeira (tenente-coronel Astrogildo Pereira da Costa). Cada uma era formada de três corpos de cavalaria a pé.

Os brasileiros empenharam, por conseguinte, quase todas as suas forças.

"Em presença, pois, de tantos e tão poderosos obstáculos - escreveu Pôrto-Alegre na sua parte - foi impossível levar de "assalto tão forte posição, na qual o inimigo havia concentrado a maior parte de suas forças... Encontrando a coluna argentina no seu ataque as mesmas insuperáveis dificuldades a vencer, não obstante a galhardia com que avançou, ordenei a retirada, de acordo com o general Mitre, a qual se operou na melhor ordem possível, fazendo carregar, não só os feridos, como os mortos, sem que um só dos inimigos ousasse sair da sua linha de fortificação, para nos vir dar um tiro, posto que só cessasse o fogo da sua artilharia às 1530horas, quando a força que cobria a nossa retirada ficou fora do alcance dela."

A terceira coluna de ataque (1º corpo argentino, do comando de Paunero) dispunha de quatro divisões. Empenhou, em primeiro escalão, duas: a 4ª e a 1ª, ambas sob o comando do coronel Rivas. Atrás delas seguiam, como reserva, a 2ª e a 3ª, sob a direcção imediata de Paunero. Acometeu-se a trincheira principal sem resultado. Os batalhões avançaram debaixo de um fogo mortífero de bombas, metralha e fuzilaria; muitos elementos ocuparam o

⁵ Durante o ataque da posição principal, os membros da comissão de engenheiros junto ao 2º corpo do exército brasileiro, auxiliados por 170 pontoneiros, fizeram uma ligeira ponte sobre o fosso da primeira trincheira e obstruíram-na em vários lugares. (Rio Branco.)

fosso, sem poderem vencer o parapeito e penetrar no interior da posição inimiga. Paunero empenhou a 2ª divisão em auxílio de Rivas logo que este lhe reclamou reforço. A 3ª divisão ficou postada a 300 metros da linha inimiga e protegeu a retirada.

A quarta coluna de ataque (2º corpo argentino, do comando de Emílio Mitre) tinha 4 divisões. Seu comandante as dispôs inicialmente deste modo: a 4ª divisão (Cel Martínez), composta de duas brigadas (8ª e 7ª) e 6 batalhões, pronta para o assalto; a 3ª (Cel Pablo Díaz) à distância conveniente como reserva da 4ª; a 2ª (Cel. Agüero) paralela à bateria

"que o inimigo tinha estabelecido no flanco direito do *proncadis* (sic) do caminho que as colunas de ataque tinham de percorrer para chegar a Curupaiti; e a 1ª (Cel Bustillo) cobrindo a aberta no mato que, partindo de Rojas-Cué, vinha sair na direita do acampamento argentino".

Ordenado o ataque, Emílio Mitre empenhou os 3 batalhões da 8ª brigada à direita do 1º corpo. Estas unidades investiram contra a trincheira, e bateram-se com valentia, mas também sem nada conseguir.

Parece que toda a força restante do 2º corpo serviu apenas para proteger a retirada. Dos seus 32 batalhões, afirma-se que Mitre apenas empenhou 17.

Foram sensíveis as perdas dos aliados no ataque a Curupaiti. Os brasileiros tiveram:

Mortos.....Oficiais (51); Praças (360);
Feridos e contusos...Oficiais (150);
Praças (1.390);
Extraviados....Oficiais (-); Praças (10);
Total...Oficiais (201); Praças (1.760).

O chefe do serviço de saúde do 2º corpo era o coronel cirurgião do exército Christovam José Vieira. Em sua parte, diz

ele que organizou 6 turmas de médicos para atender ao serviço e que foram recebidos e tratados no *hospital de sangue* 466 feridos (brasileiros e argentinos), dos quais 309 com *ferimentos graves* e 157 com *ferimentos simples*. Fizeram-se entre aqueles 69 amputações e uma desarticulação do humerus. Os demais feridos, em consequência da falta de pessoal e da impossibilidade de demorar-se os seus curativos, sob pena de risco de suas vidas, foram remetidos para diversos vapores que se acham contituídos em hospitais de sangue.

Na esquadra houve um marinheiro morto, 4 oficiais e 30 marinheiros e soldados feridos; e no batalhão que estava no Chaco 15 homens fora de combate.

Somando todos estes algarismos, chega-se a esta perda total: 205 oficiais, 1.806 praças, isto é, 2.011 homens fora de combate.

Os argentinos tiveram 163 oficiais e 1.919 praças, isto é, 2.082 homens fora de combate.

Total de argentinos e brasileiros: 4.093 homens.

Morreram vários oficiais superiores e comandantes de corpos. Dos argentinos sucumbiram: os coronéis Roseti e Charlone, os comandantes Fraga e Alejandro Díaz, o sargento-mor Lúcio Salvadores e muitos outros oficiais. Os brasileiros perderam 6 comandantes de batalhão: Souza Barreto, Antunes de Abreu, Fabrício de Matos, Hipólito da Fonseca, Sousa e Melo e Castilho dos Reis, e dois fiscais : Machado Lemos e Mariano da Rocha Medrado, afora muitos outros oficiais.

"Ficaram prisioneiros de López um tenente argentino e 82 soldados argentinos e brasileiros, todos feridos. Em consequência dos maus tratos foram morrendo quasi todos e dias depois estavam reduzidos ao tenente e 28 soldados argentinos e 10 brasileiros. É

impossível precisar as perdas dos paraguaios; foram com certeza diminutas comparadas com as do atacante. Thompson fala apenas de 54 homens, entre mortos e feridos, vítimas principalmente dos tiros de fuzil do batalhão brasileiro que estava no Chaco. Centurión diz que não passaram de 92. Em seu depoimento declarou Resquin: o exército paraguaio perdeu no ataque a Curupaiti apenas 250 homens e nunca se afastou de detrás das trincheiras".

No dia seguinte ao do combate (23), López mandou sair alguns batalhões para enterrar os mortos.

"Quando se fizeram os trabalhos da fortificação - narra Centurión - abriram-se fossos ou sangas ao longo das margens das lagoas em frente a Curupaití para tolher a passagem dos aliados e, por conseguinte, para que não lhes fosse possível fazer o mesmo que em Curuzu. Deitaram-se os cadáveres nessas sangas até atulhá-las; o resto foi lançado ao rio Paraguai. Um dos batalhões incumbidos desta triste e pesada tarefa foi o 36º, composto de 600 praças. Calcula-se que só ele atirou ao rio e enterrou mais de 2.000, dos que se encontravam dentro da nossa posição; os que se achavam mais longe ficaram para ser *presa de las aves de rapina*, como nos tempos de Homero".

Sobre este assunto convém ainda citar um trecho da parte do major Enéas Galvão, chefe da Comissão de Engenheiros :

"Alguns feridos que ficaram, por terem caído dentro do elevado macegal e do mato, consta que o inimigo teve a barbaridade de matá-los, e, no dia 24, tivemos que presenciar outra cena de selvageria, que, como aquela, revela a sua ferocidade. Ao amanhecer

daquele dia, principiaram a descer, passando entre os navios da esquadra, os cadáveres de nossos bravos, que não pudemos trazer por terem ficado encobertos, sendo a maior parte desses corpos ligados por cordas de dois a dois, e em completo estado de nudez. S. Exa. o Sr. general em chefe mandou reunir esses cadáveres e dar-lhes sepultura".

Diversos navios da esquadra sofreram avarias com os tiros dos paraguaios. Tamandaré pretende que eles visaram, de preferência, depois do meio dia, os que estavam do lado do Chaco, sobretudo o *Brasil* e o *Tamandaré*, os quais ficaram com a couraça de boreste seriamente arruinada. O *Brasil* teve duas peças desmontadas e recebeu grande número de balas, que entraram nas casamatas pelas portinholas.

"Os navios formados do lado do Paraguai receberam algum "fogo de metralha e fuzilaria, e algumas balas que o inimigo atirava por elevação, mas não sofreram avaria alguma" (Tamandaré).

O almirante informa ainda que a sua artilharia desmontou três peças de 68 da bateria inimiga.

A ocasião é oportuna para interpolar uma informação de Rio Branco quanto às perdas dos aliados desde o começo da guerra até o ataque de Curupaiti (22 de Setembro de 1866). Compulsando todos os documentos que pôde haver à mão e não levando em conta as perdas dos brasileiros na campanha do Estado Oriental (de Dezembro de 1864 a 20 de Fevereiro de 1865), chegou o nosso ilustre patricio a esta conclusão:

Mortos: Oficiais brasileiros (228); Praças (2.486); Oficiais argentinos (79); Praças (1.206); Uruguaios: nenhum.

Ele (Rio Branco) avaliava ainda que até esse momento os paraguaios haviam perdido, *aproximadamente*: Mortos: 13.110; Feridos: 17.190; Prisioneiros: 7.853; Total: 38.153.

Quanto à perda dos brasileiros, de Dezembro de 1864 a 20 de Fevereiro de 1865, computava-a (Rio Branco) deste modo:

Mortos: 109; Feridos: 439; Extraviados: 1.

A opinião do Dr. Francisco Doratioto (p. 243/247)

Em 22 de setembro, o ataque a Curupaiti começou sem alteração no plano original dos aliados. A esquadra bombardeou essa posição, e Tamandaré procurou cumprir sua promessa de "descangalhar em duas horas" a artilharia inimiga. O ataque dos navios foi ineficaz devido à altura da fortificação superior a nove metros, que obrigava os canhões brasileiros a utilizarem ângulo de tiro que fazia as bombas caírem além das posições inimigas, sem que Tamandaré o soubesse. Acreditando que tinha preparado suficientemente o terreno, a esquadra deu o sinal para as forças terrestres atacarem as posições paraguaias. Como fora planejado, pouco depois das 12 horas, quatro colunas paralelas, duas argentinas, à direita, e duas brasileiras avançaram, sendo que o ataque principal caberia às duas centrais, uma de cada nacionalidade, com comando dos generais Paunero e Albino Carvalho, enquanto as laterais eram lideradas pelo general Emilio Mitre e pelo coronel Augusto Caldas. Eram 20 mil aliados, em que os efetivos de argentinos e brasileiros eram praticamente equivalentes. Segundo testemunho paraguaio, os aliados avançavam com vistosos uniformes e bandas de música, para cadenciar o avanço da infantaria; os oficiais montavam cavalos e, devido a seus "reluzentes uniformes de gala", constituíram alvos fáceis para os atiradores paraguaios. "Era

impressionante vê-los avançar com muita galhardia, como se fossem para uma festa ou um desfile militar, causando a impressão de estarem seguros da vitória.

Retardados pelo barro e enfrentando a artilharia paraguaia, que Tamandaré comunicara ter destruído, o Exército do general Porto Alegre começou o ataque à esquerda. Após algum tempo, Mitre enviou dois ajudantes para ver a verdadeira situação da tropa brasileira, que lutava valorosamente, e eles voltaram dizendo que Porto Alegre tomara a trincheira. A informação não era verdadeira, pois esses ajudantes confundiram o primeiro fosso, que fora ultrapassado pelos atacantes, com a trincheira principal. Com base nessa informação equivocada, Mitre ordenou o segundo ataque, de forças argentinas, para auxiliar a suposta vantagem obtida por Porto Alegre, que estaria necessitando de reforço. As colunas atacantes fizeram investidas sucessivas, nas quais soldados e oficiais se portaram com bravura. As tropas de assalto, apesar de surpreendidas pela violência inesperada do fogo inimigo, que dizimava suas fileiras, e pelas inúmeras armadilhas, continuaram a avançar, tropeçando nos corpos dos companheiros caídos, e chegaram a alcançar o fosso da trincheira principal. Após horas de combate, os soldados aliados voltaram as costas a Curupaiti e começaram a fugir, o que obrigou Mitre a recorrer às forças

de reserva, que saíram dos montes onde estavam escondidas e retomaram o ataque.

Mitre comandou o ataque sob o alcance das bombas inimigas e teve que trocar de cavalo, devido a ferimento causado no primeiro animal por um estilhaço. Em outro momento, o comandante-em-chefe ficou respingado de barro, resultante da explosão próxima de uma bomba. Em outros momentos da guerra, os demais chefes máximos aliados, Flores, Osorio, Porto Alegre, Caxias, Paunero, Emílio Mitre e o conde d'Eu também se expuseram ao fogo inimigo, em contraste com Solano López que evitava ficar ao alcance dos tiros. Em Curupaiti impressiona - e isso foi destacado por espectadores paraguaios do combate - o sangue-frio dos soldados aliados que, durante horas, marcharam adiante, para preencher claros dos companheiros mortos, cômicos de que muito possivelmente também eles morreriam. Em Curupaiti tombaram expoentes argentinos e brasileiros, de cuja perda o Exército aliado se ressentiria; pereceram jovens da elite portenha, como, entre outros, Domingo Fidel Sarmiento - *Dominguito* - filho do futuro presidente Domingo Faustino Sarmiento, e Francisco Paz, filho do vice-presidente Marcos Paz. A dramaticidade do combate é exemplificada no relato de José Ignacio Garmendia que, no final da ação, ao ver, ensanguentado, Martin Vinales, do 1º Batalhão de Santa Fé, perguntou-lhe se estava ferido e a resposta foi: "não é *nada*, apenas um braço a menos; a *pátria* merece mais".

O sol já se punha em Curupaiti e quase não havia mais reservas aliadas que pudessem ser utilizadas, quando Mitre ordenou o toque de clarim de retirada. A ordem apenas ratificava a situação de fato, pois havia uma debandada dos atacantes, que Porto Alegre, "transfigurado de raiva", tentava,

em pleno campo de batalha, conter, com vistas a fazer novo assalto. Ao se retirar, Porto Alegre disse a Arthur Silveira da Motta: "eis aqui o resultado do governo brasileiro não ter confiança em seus generais e entregar os seus Exércitos aos generais estrangeiros", e fez uma série de imputações a Mitre, responsabilizando-o pelo desastre.

Na verdade, se o ataque tivesse ocorrido no dia 17, como fora planejado, provavelmente o resultado teria sido favorável aos aliados. Nesse momento, a construção das novas trincheiras paraguaias estava longe de ser concluída e o terreno por onde marchariam os atacantes não estava tão encharcado; os aliados não teriam encontrado, àquela altura, obstáculos intransponíveis. A esquadra não teria, é verdade, atuado no dia 17 contra Curupaiti, pois para Tamandaré ela encontraria dificuldades de atuar eficientemente sob chuva, mas, de todo mesmo sob tempo bom foi nulo o efeito do bombardeio que fez sobre esse forte. Não eram, na realidade, as condições meteorológicas que comprometiam a ação da esquadra mas, sim, o desconhecimento das posições paraguaias e, sobretudo, a falta de comando à altura dos novos desafios militares.

As estatísticas oficiais, normalmente citadas por historiadores da Argentina e do Brasil, indicam que no ataque a Curupaiti os brasileiros tiveram 2011 homens fora de combate, dos quais 411 mortos, enquanto os argentinos tiveram 1357 baixas, das quais 587 mortos. O coronel brasileiro Cláudio Moreira Bento, porém, ao escrever em 1982, fala em 4 mil soldados imperiais mortos, número repetido por um observador neutro, o representante espanhol em Buenos Aires em 1866. Azevedo Pimentel, participante do combate, diz que foram 2 mil mortos brasileiros e outros 2 mil argentinos. Os paraguaios perderam 54 homens

segundo Thompson, que afirma terem as perdas aliadas chegado a 9 mil homens, enquanto para Centurión apenas os mortos aliados seriam de 5 mil. José Maria Rosa e Arturo Bray chegam ao extremo oposto dos números oficiais argentinos e brasileiros, e afirmam que foi de 10 mil o número de atacantes mortos. Os cadáveres aliados foram jogados nas fossas abertas para montar armadilhas contra os atacantes; cheias essas covas, os demais corpos foram jogados no rio Paraguai. Segundo Centurión, apenas um dos batalhões encarregados desse trabalho, o de número 36, enterrou e jogou ao rio mais de 2 mil cadáveres.

Terminada a batalha, um batalhão saiu das trincheiras de Curupaiti para recolher as armas e despojos deixados no terreno pelos aliados, bem como para aprisionar os feridos. Os soldados paraguaios perguntavam aos argentinos e brasileiros feridos se podiam caminhar e matavam aqueles que respondiam negativamente. Poucos podiam andar, do contrário teriam recuado ao encontro de seus companheiros; os prisioneiros foram, assim, apenas "uma meia dúzia". Os soldados do batalhão paraguaio retornaram à trincheira vestidos com os uniformes argentinos, com relógios dos mortos e libras esterlinas, pois os aliados haviam recebido o soldo há pouco. Essas libras foram "compradas" por Elisa Lynch com papel-moeda paraguaio. Vários batalhões paraguaios foram vestidos com os uniformes dos aliados mortos e armados com os 3 mil fuzis capturados.

Desde o início da guerra os soldados paraguaios andavam seminus e descalços, assim, para eles os uniformes aliados manchados de sangue eram verdadeiro prêmio. A falta de vestuário era tão grave que o governo paraguaio baixou, em fevereiro de 1866, um decreto que determinava, sob a

justificativa de que o bloqueio naval brasileiro impedia a importação de tecidos, "uma contribuição de vestuários para o serviço do Exército". Tratava-se, de fato, de confisco e coube aos chefes policiais e juízes determinarem, na região sob jurisdição, a cota de uniformes que cada família deveria dar.

Os atacantes de Curupaiti não receberam reforço das forças dos generais Polidoro e Flores. Este tinha ordens de fazer um movimento de flanco, diversionista, com sua cavalaria de cerca de 3 mil homens, mas se afastou tanto das trincheiras paraguaias que não chegou a ter contato com o inimigo. Polidoro recebera ordens de Mitre para fazer, simultaneamente à operação principal contra a fortaleza, um reconhecimento "o mais vigoroso possível", não só para distrair o inimigo, mas para, oportunamente, transformá-lo em ataque formal. Esse general brasileiro, porém, permaneceu inerte e, mais tarde, justificou sua inação afirmando que a esquadra, mais precisamente a embarcação *Iguaçu*, não içara, conforme o combinado, o sinal de ataque, uma bandeira vermelha com cruz branca ao centro. Arthur Silveira da Motta, contudo, afirmou que o sinal foi dado por ordem de Tamandaré e "transmitido por mim: eu o vi desfraldo no Patacho *Iguaçu*". A inação de Polidoro foi "inexplicável", tendo sido esse general responsabilizado de forma ostensiva pela derrota, em ordem do dia de Tamandaré. Já o ministro da Marinha à época, Afonso Celso, escreveu que não foi dado o sinal combinado para que Polidoro iniciasse a ofensiva.

Acusado pelo malogro do ataque a Curupaiti, inclusive pela imprensa, Polidoro solicitou declaração de Mitre sobre quais eram os deveres que ele, como comandante do 1º Corpo de Exército, deveria ter cumprido naquela ação e fosse emitido um juízo sobre o seu procedimento. A resposta foi

ambígua, pois se não o responsabilizou pela derrota, apontou erros consideráveis em sua ação. Mitre afirmou que o resultado do ataque não resultara "do que V. E. x fez ou deixou de fazer nessa ocasião, ainda quando isso pudesse haver influenciado o quadro geral".

Segundo o comandante-em-chefe, sua resposta era a mesma que dera na Junta de Generais e em conversa amistosa com Polidoro, ou seja, de que o reconhecimento que este comandou sobre o flanco inimigo não fora tão "vigoroso" como poderia ter sido, e que viabilizasse, oportunamente, um movimento decisivo de ataque. Declarou, porém, compreender que o comandante do 1º Corpo de Exército estava querendo reservar seus esforços para um ataque à posição paraguaia, pois "um reconhecimento mais profundo que o praticado não poderia dar-lhe um resultado melhor para tal efeito".

O desastre aliado em Curupaiti teve grandes repercussões. No plano militar tornou ostensiva a divisão do comando aliado: de um lado, Tamandaré e Porto Alegre, ambos pertencentes ao Partido Liberal no Brasil, hostilizando Mitre e, de outro, Polidoro, membro do Partido Conservador, e Flores, solidários com o comandante-em-chefe.

Mitre escreveu a Rufino de Elizalde que não contava mais com a esquadra imperial para nada e que ela viria a reboque dos acontecimentos.

O relacionamento entre Tamandaré e o comandante-em-chefe argentino ficara irremediavelmente abalado, e pôs em risco a própria condução da guerra. Mitre afirmava que

"não posso, não quero, nem devo entender-me com o almirante Tamandaré, o qual considero inadequado em todos os aspectos para o posto que ocupa e inimigo da aliança por motivos pessoais, para cujo sentimento arrasta a seu primo Porto Alegre.

Para Mitre,

O marechal Polidoro é velho (64 anos), está doente e me parece fatigado, sobretudo da hostilidade que lhe dirigem Porto Alegre e Tamandaré, que são primos, e primos até na falta de juízo e fizeram um pacto de família para monopolizar, de fato, o comando da guerra, tomando o primeiro o mando de todo o Exército de terra para subordiná-lo às operações da Esquadra. Tenho razões para crer que se Polidoro pede demissão ou fica doente, tem instruções para passar o comando dos dois Exércitos a Porto Alegre. É impossível imaginar uma nulidade militar maior do que este general, ao que se acrescenta a má influência, dominante, sobre ele de Tamandaré e o espírito negativo de ambos em relação aos aliados, devido a paixões e interesses mesquinhos. Com o conhecimento profundo que tenho dessa situação, posso assegurar que tal comando [único de Porto Alegre] será funesto não só para as armas do Brasil, como para a continuação, prática e eficaz, dos objetivos da aliança [...]

Comentários gerais

Após essa derrota, o governo argentino quis "conceder a paz" a López, proposta recusada pelo Império. Dom Pedro II recusou alegando que a Argentina queria "uma paz que nossa honra não nos permite". Este, tinha receio de que a Argentina rompesse o Tratado. A vitória em Curupaiti fortaleceu López no plano interno e provocou "péssimo

efeito” (Doratioto, p. 252) no Brasil. Dom Pedro ameaçou abdicar se os deputados não o atendessem no seu desejo de continuar a guerra (Idem). Em 10 Out, Caxias foi nomeado para Cmt das forças brasileiras.

A guerra mudaria de rumo. Ela pode ser dividida em duas partes: antes de Caxias e depois de Caxias. Este, chegou a Itapirú em 17 e assumiu o comando em 19 Nov 1866.

Caxias reorganizou e fortaleceu a posição do Exército, tornou mais eficientes as tropas e ampliou sua autonomia em relação ao governo para ter agilidade de ação (Doratioto, p. 278). A partir daí, a Força Terrestre passou a ter identidade própria, dissociando-a [...] do estado monárquico para associá-la à nação (Idem).

Esta condição permanece até hoje, 150 depois, e deverá permanecer sempre, posto que as Forças Armadas não são instituições “de governo” e sim “de estado” .

Em agosto de 1867, decidido o “forçamento” da passagem de Curupayty, a esquadra brasileira obteve pleno sucesso, isolando assim a posição paraguaia que nos tinha causado graves perdas e liberando o acesso a Humaitá, tudo sob o seguro comando de Caxias.

Fontes:

FRAGOSO, Augusto Tasso. História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934, cinco volumes.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Maldita Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<https://pt.scribd.com/doc/293916660/A-Historia-Da-Guerra-Da-Triplice-Alianca-Contra-o-Paraguai>



EDITOR: LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Acesse nossos sites:

www.ahimtb.org.br
www.acadhistoria.com.br

